



# Os Lagares escavados na rocha de Vilar de Viando, Mondim de Basto (Norte de Portugal)

Mário S. P. Dinis \*

## Palavras-chave

Lagares escavados na rocha; Romanização / Época Medieval; Mondim de Basto; Vale do Tâmega

## Keywords

Winepresses; Roman period/ medieval period; Mondim de Basto; Tâmega Valley

## Resumo

*Dão-se a conhecer três lagares escavados na rocha, identificados em Vilar de Viando, na freguesia e concelho de Mondim de Basto, no distrito de Vila Real. Genericamente datados da romanização e correlacionados com a produção de vinho, pese o facto de escassearem as escavações arqueológicas que os contextualizem, estes engenhos assumem um grande valor histórico e patrimonial que importa divulgar.*

*À exceção do lagar da Poça do Vale, cuja envolvente está atualmente coberta de mato, os exemplares do Rolão e da Escusa coroam grandes vinhas de plantio recente, como que perpetuando o uso deste micro-espço de Vilar de Viando enquanto local privilegiado para a produção de vinho.*

## Abstract

*In this article we aim to address three winepresses identified in Vilar de Viando, municipality of Mondim de Basto in the district of Vila Real, Portugal. Although this kind of invention is usually associated with the roman period as well as correlated to wine production, there is a real lack of archaeological excavation contextualizing them. These type of devices, abundant and inadequately investigated in north Portugal, have an historical value that deserves disclosure. Except for the winepress of Poça do Vale, currently covered by dense vegetation; both Rolão and Escusa are in close proximity to recent wine yards. This fact demonstrates the perpetuation and use of this micro-space as a privileged region for wine production.*

---

\* Licenciado em História - variante Arqueologia pela Universidade do Minho. Investigador do CITCEM/UM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço & Memória / Universidade do Minho)

## 1. Introdução

Pretendemos com este trabalho dar a conhecer três lagares escavados na rocha, identificados em Vilar de Viando, na freguesia e concelho de Mondim de Basto, no distrito de Vila Real, contribuindo, com um conjunto de novos dados, para a narrativa da história do vinho e da vinha, no vale do Tâmega e cientes de ser por esta via – a da divulgação – que se estrutura a valorização e preservação de tão importante património.

Genericamente correlacionados com o mundo romano, embora escasseiem as escavações arqueológicas que os contextualizem, estes engenhos ligados à produção de vinho, muito abundantes em algumas zonas do país<sup>1</sup>, integram uma tipologia bem conhecida, por estandardizada, que se materializa na existência do lagar propriamente dito, designado na língua latina como *calcatorium* (onde se procedia ao esmagamento das uvas) e da lagareta, denominada *lucus* (para onde escorria o líquido através de um orifício ou canal). Em alguns casos, os lagares apresentam pequenos entalhes laterais, *stipites*, que indiciam o alicerce da base de uma estrutura de prensagem.

À exceção do lagar da Poça do Vale, cuja envolvente está atualmente coberta de mato, os exemplares do Rolão e da Escusa coroam grandes vinhas de plantio recente, como que perpetuando o uso deste micro-espço de Vilar de Viando enquanto local privilegiado para a produção de vinho. O estudo destas três infraestruturas, praticamente inéditas, alarga a geografia da cultura da vinha na Antiguidade Clássica, colocando a região de Basto no mapa vitivinícola do Norte de Portugal.

## 2. Contexto ambiental e arqueológico

A aldeia de Vilar de Viando localiza-se na parte Sul da freguesia de Mondim de Basto, ocupando uma área delimitada pelos rios Tâmega e Cabril,

a Poente e Norte, respetivamente, e pelos montes de Paradela, a Sul e Nascente. De configuração semicircular e disposição em anfiteatro, o território apresenta um relevo marcado por altitudes que variam entre os 434m, no Montão e os 170m, no rio Tâmega.

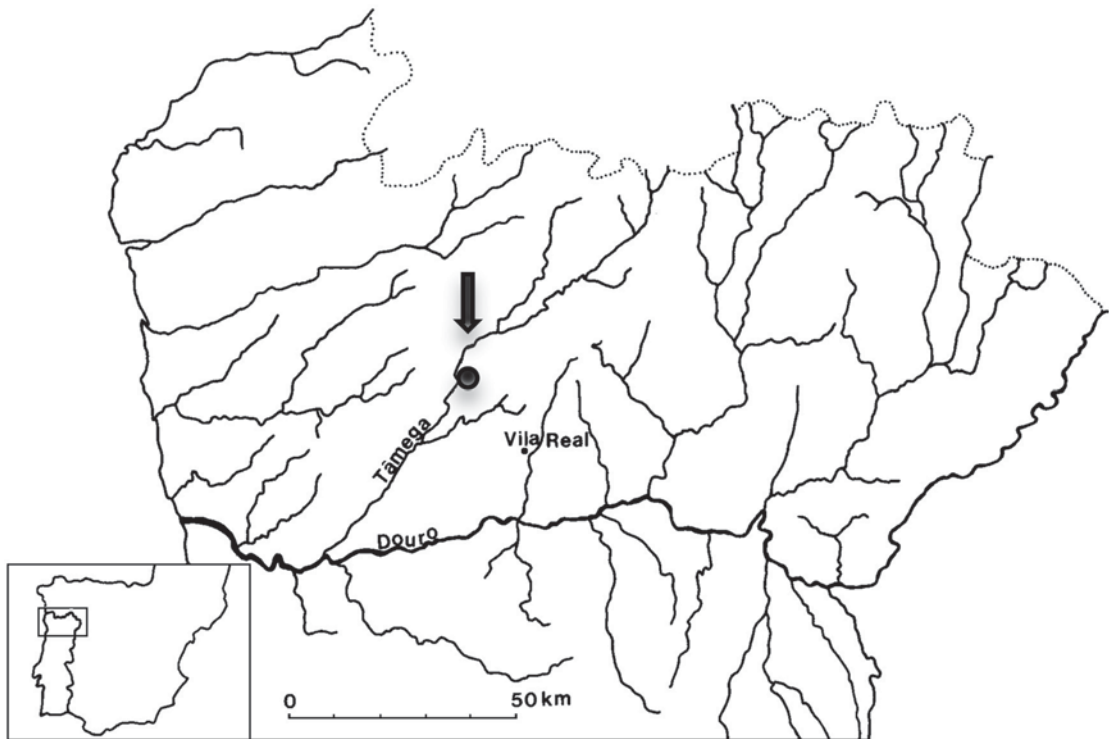
Segundo a folha 10-A da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, o substrato geológico é constituído por granito essencialmente moscovítico, de grão médio e grosseiro, denominado *Granito de Paradança*, com exceção de uma estreita faixa, no limite poente, onde ocorre alternância de filitos e xistos com metassiltitos e metagrauwaques, pertencentes à *Unidade de Mouquim*.

Os recursos aquíferos são muito abundantes, correndo por toda a região inúmeras ribeiras, no geral com orientação S-N, as quais vão engrossar o Cabril, afluente do Tâmega, principal via de drenagem da área.

Nas zonas baixas, mais próximas dos rios, multiplicam-se as parcelas bordejadas por vinha de enforcado, onde cresce erva para o gado e se cultiva o milho. Na meia encosta pontuam os vinhedos de plantio recente. As cotas mais elevadas, anteriormente florestadas com pinheiro e eucalipto, encontram-se praticamente despidas devido a incêndio recente, se bem que a vegetação autóctone, constituída por carvalho, sobreiro e medronheiro teime em crescer. De um modo geral, o solo está coberto por mato de urze, carqueja e tojos.

Além dos lagares aqui tratados, conhecem-se em Vilar de Viando, e na envolvente próxima, vários sítios arqueológicos que provam a ocupação antiga do território, talvez desde o Neolítico. Efetivamente, no limite da aldeia, na partilha com Paradança, regista-se o topónimo “Portela das Antas” -referencial utilizado na demarcação das freguesias de Mondim de Basto e Paradança-, designação reveladora de ocupação megalítica que está, aliás, atestada numa mamoa existente junto da Capela do Senhor do Monte.

<sup>1</sup> Refira-se, a título de exemplo, as regiões de Chaves (AMARAL 1994) e de Meda (BROCHADO *et alii* 1999).



**Figura 1.** Vilar de Viando, localização na P. Ibérica e no Norte de Portugal.

Sítios com arte esquemática, eventualmente atribuíveis ao Calcolítico regional, ou seja entre os finais do IV e grande parte do III milénio AC, encontram-se em afloramentos da Boucinha e da Fraga do Ribeiro do Vale.

No Montão descobriram-se fragmentos de cerâmica e identificou-se um talude, provavelmente correspondendo a um habitat da Idade do Bronze ou do Ferro. Problemática é a existência do Castro de Vilar de Viando, sítio referenciado nos finais do século XIX, por Henrique Botelho (1897:69), cuja localização não foi ainda definitivamente demonstrada (Dinis, 2001:13).

À época medieval parecem pertencer a maioria das materialidades identificadas, nomeadamente a ponte sobre o Cabril, vários troços lajeados da antiga via de ligação de Mondim de Basto a Ermelo e diversos cruciformes gravados em afloramentos graníticos, presentes no monte de

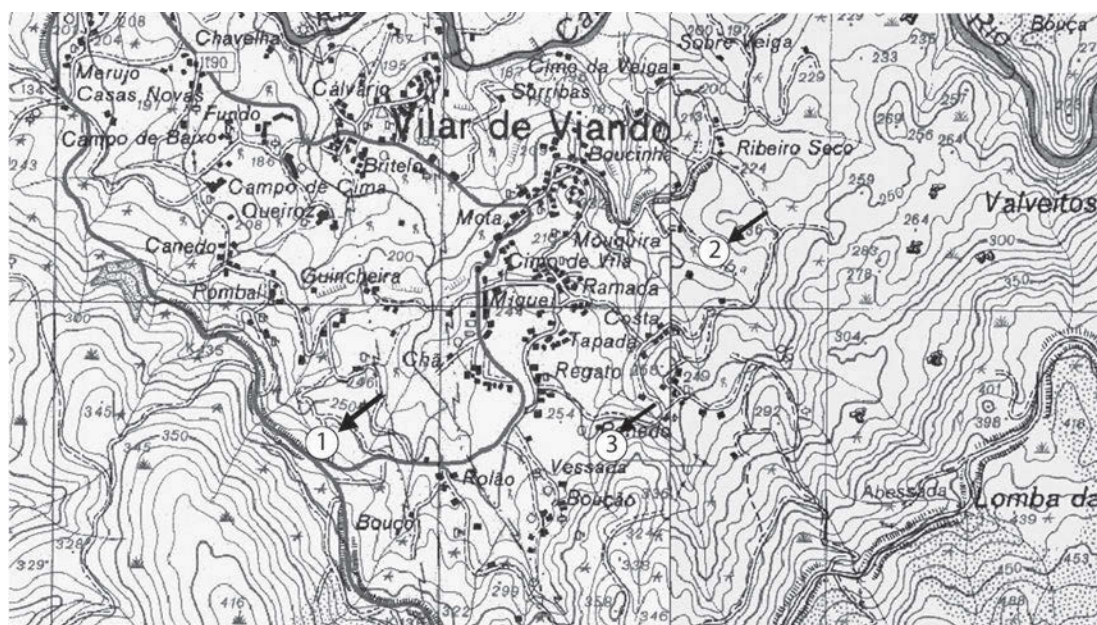
Paradela, sobranceiro à aldeia, no Outeiro da Laje e junto do moinho da Chavelha, na margem direita do rio.

Finalmente, assinala-se o sítio do Batoco, a nascente da aldeia, local onde se recolheram muitos fragmentos de metal, talvez resíduos de práticas metalúrgicas do ferro, infelizmente descontextualizados e, consequentemente, de cronologia indeterminada.

### 3. Os lagares de Vilar de Viando

A primeira referência aos lagares de Vilar de Viando data de 1983, quando A. Pereira Dinis cartografou o primeiro exemplar, no sítio do Rolão, durante os trabalhos de campo efetuados no âmbito da realização da carta arqueológica do concelho de Mondim de Basto (Dinis, 2001:14). Posteriormente, Eduardo Teixeira Lopes mencionou mais dois lagares, nos lugares da Escusa e da Poça do Vale (Lopes, 2000:31),





**Figura 2.** Localização dos lagares de Vilar de Viando (CMP, 1:25 000, fls. 86-87). (1 – Lagar do Rolão; 2 – Lagar da Escusa; 3 – Lagar da Poça do Vale)

estruturas que foram posicionadas em 2004, por Isabel Sousa e Silva, no âmbito de um projeto desenvolvido pela autarquia local (Silva, 2005).

Informação oral recolhida na aldeia dá conta da existência de um quarto lagar, unidade que ainda não foi possível localizar, não obstante diversas batidas de campo realizadas.

Entretanto, face ao reconhecimento do valor patrimonial dos três arqueossítios identificados, foram realizados trabalhos arqueológicos que consistiram na limpeza, registo gráfico e fotográfico (Dinis, 2006)<sup>2</sup>, e na elaboração de um processo de classificação como imóveis de interesse público (Dinis, M. 2006), proposta que não chegou a dar entrada nos serviços competentes.

### 3.1 Lagar do Rolão

Este lagar, também conhecido como Lagar da Aguincheira, assenta sobre um afloramento granítico, de grão grosseiro, com orientação

longitudinal e ligeira inclinação para Norte que se encontra implantado numa zona aplanada, de pequenas dimensões, na vertente Nordeste dos montes de Paradela sobre um pequeno ribeiro afluente do rio Cabril.

Segundo a C.M.P., 1:25.000, folha 86, apresenta as seguintes coordenadas geográficas: Latitude - 41° 23' 20" N; Longitude - 07° 57' ; 05" W (Internacional); Altitude - 274 metros

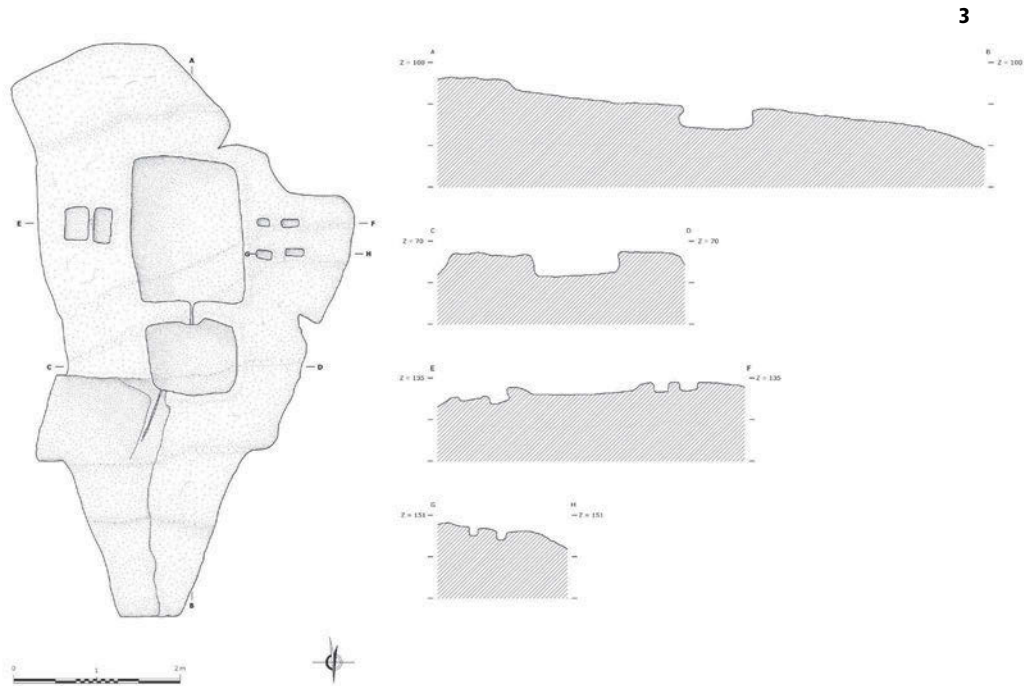
O acesso faz-se a partir do Km 135.5 da E.N. 304 tomando, no entroncamento, o C.M. 1190 para Vilar de Viando.

**Descrição:** Imóvel de planta longitudinal, com orientação S-N, composto por um lagar, de contorno retangular, pouco profundo e com canal central, saliente, na extremidade Norte, descarregando para uma lagareta, de contorno idêntico, apresentando um canal de saída no vértice Norte.

<sup>2</sup> Os trabalhos, coordenados por António Pereira Dinis e enquadrados no projeto aprovado e financiado pelo IPA/IGESPAR e pela Câmara Municipal de Mondim de Basto, foram realizados no mês de julho de 2005, no âmbito do estágio de campo da Licenciatura em História, variante Arqueologia, da Universidade do Minho, tendo participado os seguintes alunos: Luís Loureiro, José Sendas, António Pires, Guilhermina Cadeco, Joana Abreu, Carlos Ferreira e Sérgio Amorim, a frequentar o 3º ano, Rui Rodrigo Dias, Tiago Gouveia, Bárbara Xavier e Tapício Nóbrega, a frequentar o 2º ano. A tintagem dos levantamentos gráficos e vectorização em CAD foi realizada por José Ribeiro.

Dimensões (cm)			
	Comp.	Larg.	Prof.
Lagar	175	133	reduzida
Lagareta	90	150	18
Orifícios 1	22	9	10
Orifícios 2	20	10	10
Orifícios 3	22	10	10
Orifícios 4	15	9	10
Entalhes 1	42	20	19
Entalhes 2	46	28	13

**Figura 3.** Lagar do Rolão, planta e secções.  
**Figura 4.** Lagar do Rolão – Vista geral (em primeiro plano o lagar ladeado por orifícios e entalhes).  
**Figura 5.** Lagar do Rolão – Vista geral (em primeiro plano a lagareta).



Ladeiam o lagar, mais ou menos ao centro, do lado O., quatro pequenos orifícios de contorno sub-retangular, organizados dois a dois e orientados no sentido O-E, distando entre si cerca de 23cm, os pares, e 16cm as filas.

Do lado E. existem dois entalhes paralelos, de contorno sub-retangular, o menor mais profundo e o maior com um canal, no vértice Nordeste.

Trabalhos de prospeção realizados na envolvente próxima deste lagar permitiram identificar alguns fragmentos de *imbrex*.

3.2 Lagar da Escusa

Assenta sobre um grande monólito de granito, de grão grosseiro, com orientação E-O e ligeira inclinação, implantado na meia-encosta, suave, sobre uma ribeira afluente do Cabril.

Segundo a C.M.P., 1:25.000, folha 87, apresenta as seguintes coordenadas geográficas: Latitude - 41° 23' 37" N; Longitude - 07° 56' 27" W (Internacional); Altitude - 228 metros

Acesso a partir do C.M. 1190, no entroncamento junto do oratório do Senhor da Cruz.

**Descrição:** Imóvel de planta longitudinal, com um lagar de forma sub-retangular, com os lados bem marcados, tendo na parte frontal um sulco que comunica com o canal. Este, bem saliente, vaza para uma lagareta, de contorno sub-retangular.

Ladeiam o lagar dois pares de orifícios, de contorno retangular, confrontantes. Os números 1 e 2, do lado N., distam entre si 25cm e do

	Dimensões (cm)		
	Comp.	Larg.	Prof.
Lagar	184	121	10
Lagareta	104	65	43
Orifícios 1	21	13	10
Orifícios 2	21	13	13
Orifícios 3	20	16	14
Orifícios 4	20	16	15

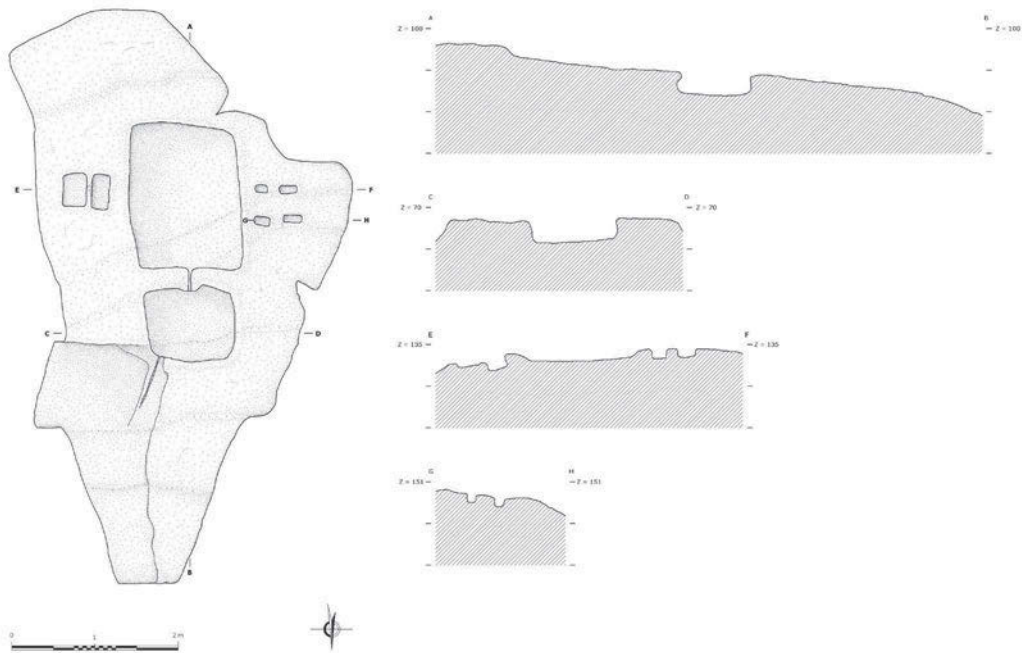
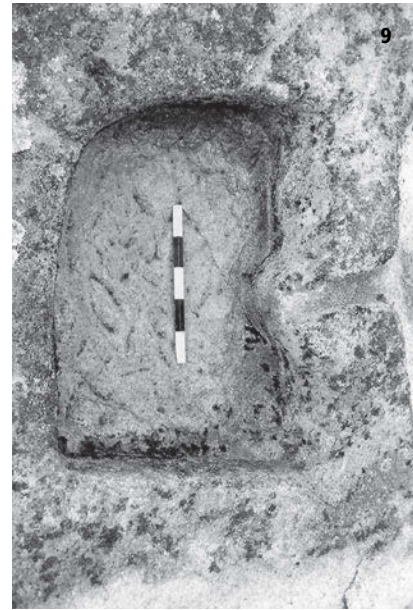


Figura 6. Lagar da Escusa, planta e secções.





**Figura 7.** Lagar da Escusa – Vista geral (em primeiro plano o lagar ladeado por orifícios).

**Figura 8.** Lagar da Escusa - Perspetiva do lagar e pormenor dos orifícios.

**Figura 9.** Lagar da Escusa - Pormenor do canal de comunicação do lagar com a lagareta.

tampo cerca de 31cm e 28cm, respetivamente; os números 3 e 4, do lado S., distam do tampo 25cm e 30cm e entre si 25cm, sendo inclinados para o interior. Estas cavidades parecem estar associadas a uma estrutura, desmantelada, com pedras de pequeno calibre. Entre a periferia dos orifícios situados a N. e a lagareta existe um sulco de escoamento. Ao lado do buraco do lado N., chegando a O., existe uma depressão circular e mais para a lagareta dois pequenos sulcos. No vértice NO. da lagareta existe um sulco para escoamento e outro na vertente SE.

Junto das cavidades situadas a S., numa terra limosa de cor castanha, recolheu-se um fragmento de cerâmica, feito à roda, com superfícies alisadas e cor beije-alaranjada, aparentemente de época romana<sup>3</sup>.

### 3.3 Lagar da Poça do Vale

Assenta sobre um monólito granítico, com ligeira inclinação para NNO., implantado junto de um caos de blocos graníticos, na meia vertente, sobre um ribeiro afluente do Cabril.

Segundo a C.M.P., 1:25.000, folha 86, apresenta as seguintes coordenadas geográficas: Latitude - 41° 23' 17" N; Longitude - 07° 56' 40" W (Internacional); Altitude - 258 metros

O acesso faz-se a partir do C.M. 1190, em Vilar de Viando.

**Descrição:** O lagar situa-se no topo aplanado do monólito e o canal no rebordo do afloramento, desnivelado cerca de 50cm daquele, estando a lagareta no extremo da superfície aplanada.

<sup>3</sup> Na limpeza da lagareta recolheram-se moedas de 2\$50 da década de 1960. A este lagar está associada uma lenda transmitida pela senhora Teresa de Jesus Carvalho Bastos, de Vilar de Viando (Silva, 2005). Conta-se que uma rapariga terá visto aqui uma cobra que tinha junto de si muito dinheiro espalhado e que enquanto foi a casa buscar um balde para transportar o dinheiro a cobra recolheu-o impedindo-a de o levar. Se a rapariga tivesse deixado uma peça de roupa, teria conseguido quebrar o encanto. Ainda há poucos anos atrás, ao nascer do sol do dia de S. João, as raparigas da aldeia iam ao lagar para ver se encontravam a cobra.

Dimensões			
	Comp.	Larg.	Prof.
Lagar	161	145	reduzida
Lagareta	113	58	7
Orifícios 1	22	14	16
Orifícios 2	28	14	16
Orifícios 3	24	14	16
Orifícios 4	28	14	16
Entalhes 1	58	28	18



Figura 10. Lagar da Poça do Vale - Vista geral (em primeiro plano o lagar ladeado por orifícios e entalhe)



Figura 11. Lagar da Poça do Vale - Pormenor do canal de comunicação do lagar com a lagareta.

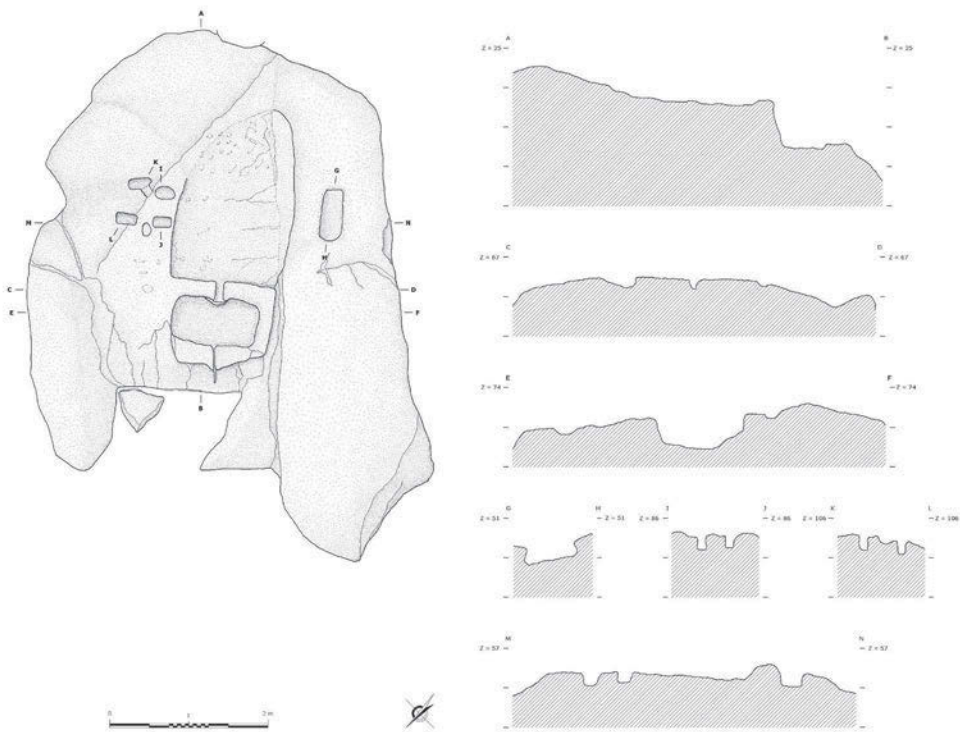


Figura 12. Lagar da Poça do Vale, planta e secções.



Lagar de contorno irregular na parte mais elevada e retangular no limite inferior, pouco profundo e com o topo pouco definido. Canal saliente, na parte inferior do lagar, comunicando com a lagareta, sub-retangular, com arestas arredondadas, tendo o canal de escoamento ao centro do topo Norte. O topo, bem marcado nos lados N., S. e O., encontra-se ao nível do afloramento a Este.

Do lado Oeste apresenta um entalhe sub-retangular, com a base inclinada para N-NO e para O., distando do lagar cerca de 35cm.

No lado oposto, confrontante, existem dois pares de buracos sendo dois retangulares, mais a N., um oval e outro sub-retangular.

Na limpeza da lagareta encontraram-se restos de metais fundidos, cor de chumbo sem aspeto de oxidação e um fragmento de cerâmica, aparentemente de época romana.

#### 4. Considerações finais

Os lagares de Vilar de Viando são estruturas de grande monumentalidade que atestam a importância da cultura da vinha, desde há muitos séculos, neste micro-espço da região de Basto. Infelizmente, tal como na maioria dos exemplares conhecidos no Norte do País, a ausência de escavações dos locais onde se implantam não autoriza a comprovação da sua cronologia, facto da maior importância para a história do vinho no nosso país.

Embora, genericamente, os lagares escavados na rocha sejam conectados com cronologia romana, tal pressuposto apenas foi precisado em

escavações arqueológicas realizadas no Monte Mozinho, onde um exemplar foi encontrado em contextos do séc. I d.C. (Soeiro, 1984:206 - 207). Menos consistente, se bem que admissível, parece ser a articulação de alguns exemplares com materialidades reconhecidas na envolvente próxima, como são os casos de Alijó (Alemida, 1992-1993), Lousada (Sousa *et alii*, 2006:81) e Paços de Ferreira (Silva, 1986:118) que situam nos séculos I, III-IV, e IV d.C., respetivamente, estruturas encontradas nessas localidades.

Evocando o achado de fragmentos de *imbrex*, na envoltência próxima do lagar do Rolão e de cerâmica comum, junto dos da Escusa e da Poça do Vale, é admissível, considerando um espaço temporal lato, inserir os exemplares de Vilar de Viando numa cronologia romana.

O estudo comparativo das três estruturas cartografadas em Vilar de Viando, apresentado no quadro abaixo, mostra o quão parecidas são, tanto no que diz respeito à área do lagar como à capacidade da lagareta (com exceção da Poça do Vale) e às características dos entalhes e orifícios que as ladeiam, revelando uma tipologia específica de sistema de prensagem.

Quererão as semelhanças verificadas na área do lagar e na capacidade das lagaretas significar igual similitude entre a superfície das propriedades de onde provinham as uvas transformadas nestes engenhos? Considerando esta correlação não abusiva, podemos tomar como dados comparativos os dos lagares do concelho de Meda (Almeida *et alli*, 1999:101-102) concluindo estarmos perante propriedades de dimensão bastante reduzida.

Lagar	<i>Calcatorium</i> (área)	<i>Lacus</i> (capacidade)	<i>Stipites</i>	
			Lado Esqu.	Lado Direito
Rolão	2,3	243 litros	2 entalhes sub-retangulares	4 pequenas cavidades, dispostas aos pares
Escusa	2,2	291 litros	2 pequenas cavidades	2 pequenas cavidades, inclinadas para o interior
Poça do Vale	2,3	43 litros	1 entalhe sub-retangular	4 pequenas cavidades, dispostas aos pares



Figura 12. Ponte medieval de Vilar de Viando.

Independentemente da falta de respostas para as dúvidas de natureza cronológica e económica enunciadas, a monumentalidade destes lagares e a sua importância no contexto da arqueologia local e regional justificam uma ação concertada tendente à sua salvaguarda. Assim sendo, impõe-se que estes monumentos, tal como foi feito com a vizinha ponte sobre o Cabril, sejam objeto de proposta de classificação como Imóveis de Interesse Público, depois de devidamente valorizados - através do arranjo dos acessos e da envolvimento, da colocação de informação nos locais e de placas identificadoras nas vias de comunicação- e passem a integrar os roteiros turísticos, por forma a tornarem-se espaços de aprendizagem e bens de fruição pública.

## 5. Bibliografia

- ALMEIDA, C.A.B. (1992-1993) - O passado arqueológico de Carlão - Alijó. *Portugália*, Nova Série, 13-14, Porto.
- ALMEIDA, C.A.B ; ANTUNES, J.M.V. e FARIA, P.F.B. (1999) - Lagares cavados na rocha: uma reminiscência do passado na tradição da técnica vinícola do vale do Douro. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 2, nº 2, Lisboa, IPA, pp. 97 - 103.
- AMARAL, P. (1993) - *O Povoamento Romano no Vale Superior do Tâmega. Permanências e mutações na humanização de uma paisagem*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado).
- BOTELHO, H. (1897) - Antiguidades de Traz-os-Montes. *Archeologo Português*, 3, Lisboa, p. 69.
- BRUN, J.P. (2004) - *Archéologie du vin et de l'huile, De la préhistoire à l'époque hellénistique*. Editions Errance, Paris.
- DINIS, A.P. (2001) - O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal). *Cadernos de Arqueologia, Monografias*, 13, Braga.
- DINIS, A.P. (2004) - Os Lagares escavados na rocha de Vilar de Viando: Um património a preservar, *O Jornal de Mondim*, Ano 1. nº 3, p. 6.
- DINIS, A.P. (2006) - *Estudo e valorização do património arqueológico da vertente Oeste do monte da Senhora da Graça, Mondim de Basto (Norte de Portugal)*. Relatório de Progresso, IPA (policopiado)
- DINIS, A.P. (2009) - *Carta Arqueológica de Mondim de Basto*. Câmara Municipal de Mondim de Basto, Mondim de Basto.

- DINIS, A.M.S.P. (2006) - *Lagares romanos de Vilar de Viando (Mondim de Basto)*. *Processo de Classificação*. Trabalho escolar realizado para a disciplina de Direito do Património, do 4º ano da Licenciatura em História, variante Arqueologia da Universidade do Minho, Braga (policopiado).
- FABIÃO, C. (1998) - O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 1, nº 1. Lisboa, IPA, pp. 169 - 198.
- LOPES, E.T. (2000) - Mondim de Basto. *Memórias Históricas*, Mondim de Basto.
- SILVA, A.C.F. (1986) - Paços de Ferreira. As origens do povoamento: Do Megalitismo à Romanização, Paços de Ferreira – Estudos Monográficos, Paços de Ferreira, pp. 95 – 132.
- SILVA, I.M.S. (2005) - *Estudo e valorização do património arqueológico de Mondim de Basto (Levantamento arqueológico de Paradança, Campanhó e Pardelhas)*. Relatório, Câmara Municipal de Mondim de Basto (policopiado)
- SOEIRO, T. (1984) - Monte Mózinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Boletim Municipal de Cultura*, Penafiel, 3ª série, nº 1.
- SOUSA, L.; NUNES, M. e GONÇALVES, C. (2006). O vinho na antiguidade clássica. Alguns apontamentos sobre Lousada. *Oppidum*, 1. Câmara Municipal de Lousada, pp. 69 - 85.



